



DISCIPLINA:

**DESENVOLVIMENTO
SOCIOAFETIVO –
EMOÇÕES E
SENTIMENTOS**

Emoções primárias e secundárias

Julianne H. G. Horita

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- > Diferenciar emoções primárias e secundárias.
 - > Relacionar expressão das emoções e comportamento.
 - > Descrever as alterações das emoções.
-

Introdução

As emoções são muito importantes para a manutenção das nossas relações interpessoais e para nossa sobrevivência como espécie. Várias teorias buscam explicar suas origens e dinâmicas, mas não há um consenso diante das evidências que sustentam e contradizem as diferentes hipóteses. Entendemos, no entanto, que as emoções são sentimentos que apresentam aspectos fisiológicos, cognitivos e comportamentais (FELDMAN, 2015).

Neste capítulo, você vai conhecer as particularidades das emoções primárias e secundárias, com destaque para o aspecto comportamental das emoções. Além disso, vai estudar as alterações emocionais e os modos de avaliação e regulação emocional.

Complexidade das emoções

Uma tarefa que pode ser bastante complicada é a tentativa de nomear uma emoção. Às vezes, sentimos um misto de sensações com relação a um evento, o que torna difícil definir e expressar em palavras nossas emoções. Existem,

contudo, maneiras de classificar as emoções a partir dessa complexidade. As **emoções primárias** são aquelas que podem ser identificadas em qualquer cultura, porque têm características universais, como raiva, medo, tristeza, asco, ou nojo, alegria, surpresa e desprezo. Já as **emoções secundárias** são combinações das emoções primárias. Como existem muitas combinações, as emoções secundárias são incontáveis. Exemplos são culpa, inveja, amor, vergonha, etc. (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018).

Há certa controvérsia na classificação de algumas emoções como primárias ou secundárias. Algumas ficam de fora para alguns autores, e outras são incluídas. O importante, porém, é entendermos os aspectos que levam a tais classificações. Davidoff (2001) considera que as emoções ditas universais são rotuladas de modo similar em diversas culturas e são expressadas pelos mesmos movimentos musculares faciais. A Terapia Focada nas Emoções (TFE), um modelo de psicoterapia que objetiva a reestruturação dos esquemas emocionais, classifica as emoções da seguinte forma: primárias adaptativas, primárias desadaptativas, secundárias e instrumentais (MENDES, 2015).

- **Primárias adaptativas:** surgem em resposta a um estímulo ou a uma situação. Nos preparam para a ação e nos ajudam a lidar de forma rápida com as circunstâncias que se apresentam. São, portanto, essenciais para a sobrevivência e a preservação do organismo.
- **Primárias desadaptativas:** fazem parte de esquemas emocionais, estruturas de memória que resultam da síntese entre respostas emocionais inatas e experiências pessoais, formando uma memória emocional. Assim, ao viver determinada situação, o indivíduo pode identificar semelhanças com situações vividas anteriormente e ativar emoções primárias desadaptativas dos esquemas emocionais. Diferentemente das primárias adaptativas, essas emoções não ajudam a lidar com o problema. Podem, além disso, estar acompanhadas de pensamentos desagradáveis.
- **Secundárias:** consideradas defesas ou disfarces. Derivam de emoções primárias, substituindo-as, porque o indivíduo é incapaz de aceitar o impacto emocional causado por elas. É uma reação contrária à da emoção primária, podendo também acontecer em resposta às cognições, como a ansiedade e a culpa provenientes de preocupações excessivas.
- **Instrumentais:** expressadas para que o indivíduo consiga alcançar seus interesses.



Saiba mais

A TFE vem sendo desenvolvida por Leslie Greenberg e colaboradores desde os anos 1990 e já é reconhecida pela APA (American Psychological Association). Apresenta caráter integrativo e parte de princípios humanistas, fenomenológicos e construtivistas, enfatizando a relação terapêutica, a empatia e intervenções vivenciais. Busca, por meio desses processos experenciais e relacionais, acessar as emoções a fim de reorganizar o sistema de significados do paciente (MENDES, 2015).

Confira no Quadro 1 exemplos da classificação das emoções de acordo com a TFE (MENDES, 2015).

Quadro 1. Exemplos da classificação das emoções de acordo com a TFE

Emoções	Exemplos
Primárias adaptativas	Sentir medo ao olhar para baixo quando está em um lugar alto faz com que a pessoa evite se aproximar e correr o risco de cair.
Primárias desadaptativas	Ao ver sua namorada conversando com outro homem, o indivíduo pode ativar esquemas emocionais relacionados à experiência de um relacionamento anterior em que foi traído e reagir com uma raiva desproporcional à situação.
Secundárias	Diante da morte de um ente querido, por não conseguir lidar com a dor da perda e a tristeza, a pessoa pode reagir com raiva dos médicos ou de outras pessoas.
Instrumentais	O indivíduo pode demonstrar tristeza para ter carinho e cuidado de outras pessoas.

Estudar e classificar as emoções é bastante complexo, pela diversidade de sensações e experiências nelas envolvidas. Embora não haja um consenso claro sobre suas raízes e seus mecanismos, é importante entender que as emoções surgem para nos preparar para uma ação e que a percepção delas possibilita a reflexão sobre o nosso comportamento no mundo e como somos afetados por ele. No tópico a seguir, você vai estudar o componente comportamental da emoção, suas formas de expressão e seu papel essencial na comunicação e no estabelecimento das relações humanas.

Linguagem das emoções

Charles Darwin (1809-1882) expande a teoria da evolução das espécies pela seleção natural ao trazer para a discussão as origens da expressão da emoção humana. Em seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais*, lançado em 1872, Darwin relata suas descobertas acerca das emoções, destacando que várias delas são inatas e podem ser observadas em diferentes culturas, havendo, inclusive, similaridades com algumas expressões emocionais dos animais. As expressões faciais desempenham papel fundamental na comunicação dos sentimentos e fornecem informações adaptativas. Interpretando a expressão facial resultante das emoções, podemos inferir se nosso comportamento está agradando ou não o outro e, com isso, prevemos como ele pode reagir (DARWIN, 2009; GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018).

Darwin (2009) aponta que os movimentos expressivos do rosto e do corpo são essenciais para o nosso bem-estar. Na relação entre mãe e bebê, tais movimentos são o primeiro meio de comunicação com que a mãe oferece informações sobre quais comportamentos são aceitáveis ou não. Ela faz isso por meio de expressões como sorriso ou testa franzida, por exemplo. Além disso, os movimentos expressivos qualificam as palavras, conferindo vivacidade e energia e evidenciando nossos pensamentos e intenções. Quando podemos nos expressar livremente, nossa emoção se intensifica. Por outro lado, quando somos reprimidos, a intensidade da emoção é reduzida.

Aquele que se permite gestos violentos aumenta sua raiva; aquele que não controla os sinais de medo sentirá ainda mais medo; e aquele que permanece passivo quando dominado pela tristeza perde sua melhor chance de recobrar alguma flexibilidade mental. Isso resulta em parte da íntima relação existente entre todas as emoções e suas manifestações exteriores; e também parcialmente da influência direta do esforço sobre o coração, e consequentemente o cérebro. Até mesmo a simulação de uma emoção faz com que ela surja em nossas mentes (DARWIN, 2009, p. 340).

Podemos perceber, com isso, o quanto as emoções são importantes na comunicação. O fato de algumas emoções serem universais permite, por exemplo, que, mesmo sem conhecimento do idioma ou da cultura de determinado povo, haja uma interação pela linguagem das emoções. Além disso, assim como ocorre na relação entre mãe e bebê, com a informação que inferimos da expressões faciais de outras pessoas, podemos modificar o seu comportamento (NOLEN-HOEKSEMA *et al.*, 2018). Por exemplo, se percebe uma pessoa com expressão facial de medo na rua, por exemplo, imediatamente você entra em estado de alerta para qualquer perigo que ela possa ter identificado.

Seu comportamento, portanto, foi modificado pela expressão facial que leu em outra pessoa. No processo de comunicação, ainda há outras formas de expressão que acompanham as emoções, como gestos e ações. Ao observar o comportamento dos bebês, por exemplo, notamos a expressão da raiva quando ele joga um objeto com força ao chão ou quando está alegre e balança os braços vigorosamente, demonstrando entusiasmo (DAVIDOFF, 2001).



Saiba mais

As expressões faciais são os comportamentos mais estudados das manifestações emocionais. Os músculos da face são muito responsivos às emoções, e a possibilidade de registrar esses movimentos por meio de imagens, como na fotografia, facilitou seus estudos.

Com relação ao aspecto universal das emoções primárias, o psicólogo Paul Ekman chegou a testar a hipótese de que o significado das expressões faciais era socialmente aprendido e, por isso, deveria variar entre as culturas. Para isso, realizou sua pesquisa em vários países, incluindo uma tribo nativa da Nova Guiné, que tinha pouco ou nenhum contato com outras populações. A particularidade dessa população excluiria a possibilidade dessas pessoas terem aprendido as expressões faciais de outras culturas. Os resultados demonstraram que Darwin estava certo, que pessoas de diferentes culturas compreendem o significado de diferentes expressões faciais, havendo, portanto, expressões emocionais com base biológica (FELDMAN, 2015; GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018).

Contudo, alguns aspectos aprendidos como regras ou normas para uso das manifestações emocionais são particulares de cada cultura. Essas regras, ou normas, ditam os comportamentos e os tipos de emoção mais adequados para cada situação. São internalizadas por meio da socialização. Por exemplo, diante da morte de um familiar, algumas culturas expressam sua tristeza chorando, e outras, dançando e cantando. Essas diferenças entre as normas de expressão podem dificultar a identificação das emoções entre as culturas e são responsáveis pelos estereótipos culturais, como quando julgamos uma população como fria por não expressarem tanto afeto em público (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018; NOLEN-HOEKSEMA *et al.*, 2018).

Há também diferenças de expressividade entre os gêneros, que provavelmente tem origem em como homens e mulheres são socializados de acordo com os estereótipos aceitos pela sociedade. As mulheres costumam ser apontadas como mais emocionais por expressarem mais emoções de medo

e tristeza, o que caracteriza um estereótipo de fragilidade. Já os homens são qualificados como dominantes por expressarem mais a raiva e o orgulho. É importante ressaltar que as diferenças estão na expressividade e não na intensidade da experiência emocional (GAZZANIGA; HEATHERTON; HALPERN, 2018; NOLEN-HOEKSEMA *et al.*, 2018).

Até então, vimos como a maneira de expressar emoções, especialmente a expressão facial, é capaz de comunicar sentimentos e modular os comportamentos de outras pessoas. Vimos, também, que pesquisas confirmam haver expressões emocionais herdadas geneticamente, mas que alguns comportamentos expressivos são aprendidos socialmente e podem variar de acordo com as regras de expressão determinadas em cada cultura. Da mesma forma, variações de expressividade entre gêneros também estão condicionadas aos estereótipos fomentados pela sociedade. No próximo tópico, conheceremos algumas alterações emocionais e a importância da regulação emocional e da avaliação das emoções.

Alterações das emoções

As emoções nos comunicam sobre fatos não somente quando interpretamos a expressão emocional do outro, mas também quando damos atenção às nossas próprias emoções. Ao percebermos uma emoção, ao nos darmos conta das sensações corporais associadas a ela e dos pensamentos que a acompanham, podemos entender como algo nos afeta, se nos incomoda, se nos agrada, se precisamos reagir ou evitar certas situações ou ambientes. Ter consciência dessas informações é essencial para a nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos.

É importante ressaltarmos que a experiência emocional faz parte da vida. Parece óbvio, mas muitas pessoas se preocupam muito com as emoções que sentem, pensando se deveriam ou não as sentir. Claro que nem todas as emoções são agradáveis, como a tristeza, o medo e a raiva, por exemplo, que carregam consigo uma conotação negativa. Devemos ter em mente, porém, que elas são necessárias e exercem um papel fundamental para avaliarmos as nossas vivências. Sentir alegria, satisfação e prazer o tempo todo parece um sonho na teoria, mas seria impraticável viver somente com emoções agradáveis, pois não conseguiríamos fazer um julgamento das situações para saber quais seriam os nossos desejos, gostos e preferências. Em vez de tentarmos afastar as emoções desagradáveis, devemos acolhê-las, compreendê-las e aceitá-las, tendo consciência das nossas emoções e, com isso, aprendendo a manejá-las.

Ainda assim, boa parte das pessoas apresenta dificuldades para perceber ou controlar as emoções em sua intensidade. A desregulação emocional pode ser compreendida como a dificuldade ou a falta de habilidade para lidar com as experiências emocionais ou para processá-las. Ela pode aparecer como um aumento ou uma redução na intensidade da emoção. A intensificação excessiva da emoção pode gerar uma sobrecarga e uma dificuldade para tolerar a experiência emocional, causando pânico, terror, trauma ou senso de urgência. A diminuição da intensidade, por sua vez, pode levar à desativação excessiva das emoções, provocando experiências dissociativas, como despersonalização, desrealização, cisão ou entorpecimento emocional. Diante disso, é necessário conhecer as possíveis alterações emocionais e como podemos avaliá-las para auxiliar as pessoas a lidarem com suas emoções apropriadamente (LEAHY; TIRCH; NAPOLITANO, 2013). Algumas alterações emocionais como medo, fobias, pânico, labilidade e incontinência afetiva estão associadas a uma intensificação excessiva da emoção. Já apatia, anedonia, sentimento de falta de sentimento e indiferença afetiva estão associadas a uma diminuição da intensidade das emoções.

O medo, apesar de ser uma emoção básica primordial para a sobrevivência, quando incongruente com a realidade pode levar a grande sofrimento e angústia. Pode gerar sentimento de insegurança, impotência e invalidez crescente. Essas alterações emocionais tornam-se psicopatológicas quando tomam características desproporcionais e incompatíveis com o perigo real de um estímulo, como as fobias. A pessoa pode, por diversas razões, passar a ter medo de objetos ou animais (fobia simples), medo de contato ou interações sociais (fobia social), medo de espaços amplos e de aglomerações (agorafobia), medo de entrar em espaços fechados e ficar presa (claustrofobia), entre outras fobias mais específicas de acordo com o objeto ou a situação desencadeante (DALGALARRONDO, 2019). Também relacionado ao medo, está o pânico, que se apresenta em crises agudas e intensas de ansiedade, acompanhadas pelo medo de morrer, de perder o controle ou de enlouquecer e por sintomas somáticos autonômicos, como falta de ar, sudorese, palpitações, tremores, etc. Tais crises podem configurar um transtorno de pânico se forem recorrentes e se não forem acompanhadas por um profissional. Outras alterações referentes ao aumento da intensidade emocional são a labilidade e a incontinência afetiva. Ambas são formas de hiperestesia emocional, com mudanças súbitas e sem motivo de humor, sentimentos ou emoções. Enquanto na labilidade afetiva há uma oscilação abrupta de um estado afetivo para outro, na incontinência há a incapacidade de conter uma reação afetiva. Os transtornos que comumente

apresentam esses sintomas são a esquizofrenia, os quadros graves de ansiedade, a depressão e a mania. Podem estar associados, além disso, a quadros psico-orgânicos (DALGALARRONDO, 2019).

Em situações em que há uma redução da intensidade emocional, pode haver apatia, anedonia, sentimento de falta de sentimento e indiferença afetiva. Na apatia ocorre a diminuição da excitabilidade emocional. A pessoa não consegue sentir emoções ou reagir afetivamente. Está presente principalmente nos quadros depressivos. A anedonia é um estado próximo ao da apatia e costuma ocorrer concomitantemente, caracterizando-se pela incapacidade de sentir prazer em determinadas situações. É típica da depressão, surgindo também nos quadros esquizofrênicos e em transtornos de personalidade. No caso do sentimento de falta de sentimento, apesar de lembrar a definição de apatia, diferencia-se desta porque o “não sentir” causa grande sofrimento. Há a sensação de estar morto ou vazio por dentro, quadro que ocorre também na depressão grave. Por fim, a indiferença afetiva se mostra como uma frieza afetiva e superficial, mais comum nos quadros de histeria, presentes ainda em quadros depressivos e esquizofrênicos.

Como podemos notar, as alterações das emoções podem estar presentes em diversos quadros psicopatológicos, representando sintomas elementares em vários transtornos. A avaliação das emoções, portanto, é crucial para a compreensão e determinação do diagnóstico. Caso o paciente não tenha outros sintomas que configurem um transtorno mental, porém ainda se queixe de dificuldades para lidar com suas emoções, avaliá-lo e orientá-lo sobre o processo de regulação emocional oferecerá a ele recursos para conviver com suas emoções de forma mais efetiva. A avaliação das emoções está no contexto da psicoterapia e irá variar de acordo com a queixa do paciente e a abordagem do profissional. É importante ter em mente que as emoções são multidimensionais, compreendendo uma avaliação cognitiva, uma sensação física, uma intencionalidade, um comportamento, uma expressão interpersonal, entre outras questões. Por isso, é preciso investigar quais aspectos representam uma dificuldade maior para o paciente a fim de traçar a melhor estratégia e as técnicas mais efetivas para alcançar a regulação emocional (LEAHY; TIRCH; NAPOLITANO, 2013).

É possível, também, que o psicólogo embase sua avaliação com testes psicológicos. Embora não haja, atualmente, um teste psicológico que avalie as emoções e suas dimensões como um todo, podemos destacar alguns que avaliam aspectos emocionais relevantes para a atuação clínica. Várias alterações emocionais, como vimos, podem levar a problemas mais

complexos e desencadear transtornos psicológicos. Por isso, durante a investigação clínica, aplicar testes específicos para alguns transtornos pode auxiliar um diagnóstico diferencial. Alguns testes de personalidade também podem ajudar a entender como o indivíduo processa questões emocionais. Confia no Quadro 2 alguns testes psicológicos que podem consolidar a sua avaliação.



Fique atento

O psicólogo só pode utilizar testes psicológicos que sejam considerados favoráveis pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Por isso, atualize-se e sempre consulte o *site* do SATEPSI antes de aplicar qualquer instrumento.

Quadro 2. Testes psicológicos que avaliam processos afetivos

Testes psicológicos	Aspectos avaliados	Faixa etária do público-alvo
Teste de Zulliger no sistema Escola de Paris: forma individual	Personalidade, processos afetivos e emocionais, processos perceptivos e cognitivos, adaptação social, saúde mental e psicopatologias.	De 18 a 92 anos.
Inventário de Depressão de Beck (BDI-II)	Depressão.	De pré-adolescentes a idosos.
Escala Baptista de Depressão – versão Infanto-Juvenil (EBADEP-IJ)	Processos afetivos e emocionais, saúde mental e psicopatologias.	De 7 a 18 anos.
Escala Baptista de Depressão – Versão Adulto (EBADEP-A)	Depressão.	De 17 a 81 anos.
Escala Baptista de Depressão – versão idosos (EBADEP-ID)	Crenças, valores, atitudes, processos afetivos e emocionais, processos perceptivos e cognitivos, saúde mental e psicopatologias.	A partir de 60 anos.

(Continua)

(Continuação)

Testes psicológicos	Aspectos avaliados	Faixa etária do público-alvo
Marcadores De Resiliência Infantil (MRI)	Crenças, valores, atitudes, desenvolvimento, habilidades, competências, inteligência, interesses, motivações, necessidades, expectativas, personalidade, processos afetivos e emocionais.	De 8 a 12 anos.
Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)	Personalidade.	De 10 a 75 anos.
Casa – Árvore- Pessoa – Técnica Projetiva de Desenho (HTP)	Personalidade.	A partir de 8 anos.

Fonte: Testes favoráveis (2022, documento *on-line*).

Neste capítulo, vimos que as emoções são fundamentais nas relações humanas e na sobrevivência da espécie. Por isso, algumas são reconhecidas universalmente em sua forma simples, o que possibilita uma primeira conexão com o outro, mesmo que não se tenha mais nada em comum. Saber como expressamos as emoções, suas características e padrões comportamentais também é de grande auxílio, entendendo, também, que algumas singularidades culturais elaboram e determinam regras que só são compreendidas entre os membros de determinada cultura e que devem ser respeitadas. Aprendemos, também, que, quando as emoções não estão ajustadas à realidade, podem se tornar obstáculos para o convívio com outras pessoas e para os objetivos do indivíduo. Devemos estar atentos aos sinais, identificando o aumento ou a diminuição da intensidade das emoções para avaliar a necessidade de regulação emocional.

Referências

- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DAVIDOFF, L. L. *Introdução à psicologia*. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2001.
- FELDMAN, R. S. *Introdução à psicologia*. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D. *Ciência psicológica*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

LEAHY, R. L.; TIRCH, D.; NAPOLITANO, L. A. *Regulação emocional em psicoterapia: um guia para o terapeuta cognitivo–comportamental*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

MENDES, M. A. Terapia focada nas emoções e processos de mudança em psicoterapia. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 11, n. 2, p. 96–104, 2015.

NOLEN-HOEKSEMA, S. et al. *Atkinson e Hilgard: introdução à psicologia*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

TESTES favoráveis. SATEPSI, 2022. Disponível em: <https://satepsi.cfp.org.br/testesFavoraveis.cfm>. Acesso em: 9 mar. 2022.

Leitura recomendada

GORENSTEIN, C.; WANG, Y-P.; HUNGERBÜHLER, I. (org.). *Instrumentos de avaliação em saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2016.



Fique atento

Os *links* para *sites* da *web* fornecidos neste capítulo foram todos testados, e seu funcionamento foi comprovado no momento da publicação do material. No entanto, a rede é extremamente dinâmica; suas páginas estão constantemente mudando de local e conteúdo. Assim, os editores declararam não ter qualquer responsabilidade sobre qualidade, precisão ou integralidade das informações referidas em tais *links*.

Desenvolvimento da criança

Afetividade na Educação Infantil: a importância do afeto para o processo de aprendizagem

As demonstrações de carinho, cuidado e respeito entre professores, crianças e seus pares são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos sujeitos

Nairim Bernardo



Crédito: Adobe Stock

Falar, andar, comer alimentos sólidos, brincar com outras crianças, ir para a escola e ali aprender milhares de coisas... Os adultos ficam ansiosos para essas etapas, mas você já parou para pensar que antes disso tudo acontecer as crianças já estão descobrindo e aprendendo a lidar com diversos sentimentos e emoções? Pensando nisso, o professor não pode ignorar que seus educandos, assim como ele, são seres que quando tratados com afeto têm mais chance de se desenvolver emocional e intelectualmente.

A primeira infância, de 0 aos 5 anos, é o período em que os seres humanos constroem suas bases cognitiva, emocional, motora, social e ética. Quando ainda não sabem utilizar a linguagem oral, as crianças fazem uso principalmente da emoção para se comunicar com o mundo, através do choro e sorriso, por exemplo. Ao adquirir a fala, as crianças ganham mais um meio de expressar o que sentem e começam a se relacionar com o mundo de outra forma. Segundo o pensador Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual em dois componentes: o cognitivo e o afetivo, que caminham juntos. Para ele, toda ação e pensamento são ações cognitivas, representadas pelas estruturas mentais, e afetivas, representadas por uma estrutura energética, que é a afetividade.

LEIA MAIS Como aplicar na prática as habilidades socioemocionais

“Quando a relação afetiva entre o professor e sua turma é positiva, as crianças desenvolvem melhor sua memória, autoestima, vontade e pensamento”, afirma Tágides Renata Mello, coordenadora da Educação Infantil da Escola Educare e professora do Centro Universitário de São Roque. “Esses aspectos influenciam o desenvolvimento cognitivo, pois é preciso ter vontade, estar confortável e feliz no ambiente escolar para de fato querer estudar. Não há aprendizado sem afetividade”. Em seu papel de coordenadora, ela percebe que as crianças estão “crescendo com uma excelente formação pedagógica”, mas que muitas escolas deixam de lado a questão emocional envolvida no processo de formação. “Os alunos não sabem interagir, dividir brinquedos, ouvir não, esperar sua vez, lidar com suas emoções. Mas uma criança que desde pequena é ouvida, observada e valorizada vai ser mais autônoma, crítica e segura em relação ao que pensa”, afirma Tágides. “Nesse sentido, trabalhar com as habilidades socioemocionais é muito importante, mas não pode se restringir a uma disciplina específica”.

Demonstrando afetividade

Há quem acredite que para ser afetivo é preciso abraçar e beijar os alunos. Algumas crianças chegam a passar 12 horas por dia na escola e ficar todo esse tempo sem receber um abraço não é bom, mas essa não é a única forma de demonstrar afeto. Promover uma roda de conversa no início da aula e ouvir com atenção os alunos contarem o que fizeram em casa, sentar ao lado deles enquanto desenham e perguntar a respeito, contar uma história enquanto troca a fralda, acompanhar as brincadeiras e observar o que estão falando entre si são formas pelas quais o professor pode demonstrar carinho, atenção e cuidado pela sua turma. “A relação afetiva com a criança não tem momento certo. Ela vai acontecer durante toda a rotina, em todos os momentos, na observação, na atenção dada ao que a criança diz e no respondê-la bem”, explica Tágides Mello.

Limites do afeto com a criança (pensando na família)

É importante lembrar que por mais que o vínculo afetivo entre educadores e educandos seja essencial, ele deve estar centrado na aprendizagem. “A criança precisa entender que estar com seu professor não é como estar com sua mãe, seu pai, irmãos, tios”, afirma Maria Cristina Mantovanini, doutora em Psicologia da Educação pela Universidade de São Paulo e psicanalista membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Segundo ela, o elo precisa ser desenvolvido entre eles. “O professor respeita a criança, leva desafios adequados para sua faixa etária, não impõe disciplina pelo medo, proporciona momentos agradáveis em sala de aula e ensina coisas interessantes”, diz.

LEIA MAIS “As pedagogias progressistas são elemento de equidade”

No que diz respeito a contatos físicos, o limite é em relação ao respeito à criança, e na abertura que ela ao professor – ou não. “Há crianças que são mais afetivas, chegam na escola e já correm para abraçar o professor. Outras não gostam disso, ficam bravas e até esfregam o rosto depois de receber um beijo. É preciso observar e respeitar cada comportamento e criar diferentes modos de demonstrar que se importa com cada um”, diz Tágides Mello. A coordenadora lembra também que alguns pais não gostam dessa proximidade entre seu filho e o professor. Algumas famílias têm modos diferentes de expressar sentimentos e essa questão também deve ser levada em conta pela escola.

Desenvolvimento emocional, social e intelectual

Quem não tem ou ao menos se lembra com carinho de um amigo de infância? As relações construídas na escola ajudam a criança a se desenvolver emocional, social e até mesmo intelectualmente, uma vez que crianças também podem ensinar muito umas às outras, além de se sentirem seguras e gostarem de frequentar a escola. Entretanto, assim como acontece entre os adultos, a relação entre elas nem sempre é harmoniosa. “O ‘simples’ fato de estar na escola já exige muitas habilidades socioemocionais: aprender a dividir a atenção, saber que ninguém é protagonista, esperar a sua vez, dividir brinquedos, controlar o quanto e o que se fala. Nem sempre isso se aprende em casa e a escola é lugar legítimo de desenvolver esse convívio”, comenta a psicóloga Maria Cristina.

LEIA MAIS BNCC: estamos preparados para incorporar as competências socioemocionais?

A primeira referência do professor deve ser o grupo: aprender como lidar com aquela turma e os sentimentos gerais, organizar rodas de conversa para que todos possam expressar o que sentem, identificar conflitos, observar o vocabulário utilizado entre os alunos e incentivar o diálogo, a empatia e

a cooperação entre todos. Em alguns casos, é preciso partir para o individual e chamar alguma criança para conversar em particular, independentemente da idade. "Quando a criança está com dificuldades para se relacionar com seus pares, ela pode criar diferentes estratégias para mostrar isso: se isola, não participa, chama atenção pelo comportamento indisciplinado ou vira o 'palhaço' da turma para se fazer presente", explica Maria Cristina. Ela afirma que o professor precisa mostrar que percebeu o que está acontecendo e que está preocupado com a criança. "Geralmente, a conversa com a criança e com a turma resolve a questão, mas quando isso não acontece é preciso procurar a família, que é aliada da escola no desenvolvimento afetivo e social das crianças", enfatiza.

Sentimentos podem ajudar ou atrapalhar desenvolvimento

Nem todos os cursos de pedagogia e licenciatura têm disciplinas voltadas para as diferentes demonstrações emotivas que podem surgir em uma sala de aula. Mas estando o professor preparado ou não, ele terá à sua frente uma turma repleta de sentimentos, que podem ser trabalhados de modo a desenvolver ou atrapalhar seu desenvolvimento cognitivo.

Existem diversos pensadores, livros, vídeos e outros materiais que podem ajudar os professores a ensinar levando em consideração o afeto (veja a lista abaixo), mas o mais importante é que sua formação humana esteja adequada ao trabalho com crianças. "O professor que se coloca no lugar de seu aluno, que aceita os desafios que a profissão oferece, que tem um olhar diferenciado para a criança, que sabe a hora certa de comunicar pais e coordenação sobre eventuais problemas, que ouve a criança, que não opriime ninguém, que respeita ao próximo, esse sim é um profissional que faz a diferença em uma escola", cita a coordenadora Tágides Mello. "Afetividade é afetar o meu próximo, então é preciso se perguntar: como eu, professor, estou afetando meus alunos?".

Materiais de apoio

[A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil](#)

[SALTINI, Cláudio JP. Afetividade e inteligência: a emoção na educação. Rio de Janeiro, 2002.](#)

[ARANTES, Valéria Amorim. Afectividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Grupo Editorial Summus, 2003.](#)

[O Começo da Vida \(série disponível na Netflix\)](#)

UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR: a importância da relação professor-aluno.

Polyanna Ramos Cândido de Araújo – UEPB

polyannarc@gmail.com

Andreza Sanny Mendes de Aguiar - UEPB

andrezasanny@yahoo.com.br

RESUMO

Não podemos deixar de pensar que o emocional interfere no aprendizado. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência e o afeto faz parte de todo o processo educativo e deve ser visto como parte inseparável da aprendizagem. No presente artigo, temos como objetivo analisar a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional para a relação professor-aluno. Baseada nas teorias de PIAGET, VYGOTSKY, WALLON e FREIRE, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica; e a seleção dos artigos se deteve à abrangência do tema proposto. Diante da necessidade de entender se o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas e se o fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar, através dos estudos, conclui-se que aos educadores é direcionada uma enorme responsabilidade frente aos seus alunos, tanto como professores, quanto como pessoas que exercem uma grande influência na vida escolar dos mesmos. Pois a aprendizagem se dá através de interações mútuas e dinâmicas, nas quais alunos e professores estabelecem relações afetivas que solidificam o desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

PALAVRAS-CHAVES: Afetividade; Cognitivo; Aprendizagem.

ABSTRACT

We can not help thinking that the emotional interferes with learning. The affection is assigned as an inevitable condition in building intelligence and affection is part of the whole educational process and should be seen as an inseparable part of learning. In this article, we aim to analyze the importance of social-affective aspects of the development and the teaching-learning process, focusing on the importance of affectivity as a motivational resource for the teacher-student relationship. Based on the theories of Piaget, Vygotsky, and Freire WALLON, a survey was conducted of bibliographic nature; and a selection of articles stopped the breadth of the subject. Faced with the need to understand the intellectual behavior is motivated by the affective implications and strengthening personal relationships between teacher and student contributes to better school performance across studies, it is concluded that educators is a huge responsibility directed against its students, both as teachers and as people who have a huge influence on the school life of their children. Because learning occurs

through mutual and dynamic interactions in which students and teachers establish personal relationships that solidify the significant development of cognitive and socio-emotional skills.

KEY WORDS: Affection; cognitive; Learning.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional para a relação professor-aluno.

As relações entre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança têm sido bastante discutidos em diferentes perspectivas teóricas, de modo que os estudos têm demonstrado que afetividade e inteligência caminham juntas no processo de construção da personalidade da criança, são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Consequentemente, essa relação tem influências sobre a aprendizagem escolar.

Dessa forma, questiona-se: o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas? A afetividade é pressuposto básico para a construção dos conhecimentos cognitivos e afetivos? O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar? Uma prática docente permeada pela afetividade ou pela ausência da mesma contribui ou pode chegar a inibir as estruturas cognitivas dos alunos? Os problemas afetivos são fatores prejudiciais no processo de construção do conhecimento?

É preciso repensar a prática educacional e estar atento às relações existentes no âmbito escolar, pensar como empregar de maneira mais produtiva toda a complexidade do homem sócio-afetivo e cultural. O educador deve ter um olhar especial para com educando, pois os educandos constituem a razão pelo que recebemos o nome de educadores, e é para eles que trabalharemos dedicaremos tempo, faremos esforços e boa parte de nossa vida.

Esperamos contribuir assim, para aqueles que visem uma mudança em suas atitudes pretendendo facilitar o processo de aquisição do conhecimento do aluno e de si mesmo, pois é essencial uma tomada de consciência por parte do professor em possibilitar uma prática docente que seja significativa e prazerosa para os educandos, visto que essa prática norteará a conduta dos alunos em sua vida escolar.

A afetividade

Enquanto indivíduos, somos seres que geneticamente nos desenvolvemos no espaço social e cultural, sobretudo de forma afetiva, somos dotados de interesses e desejos próprios, aprendemos a transferir as nossas motivações para outros objetos e situações, ao mesmo tempo em que condicionamos, afetivamente, nossas relações vivenciais.

O nosso desenvolvimento psicológico acontece durante toda nossa vida, mas é na infância que as principais aquisições referentes à organização da nossa personalidade são consolidadas. Através das figuras significativas para a formação da nossa autopercepção, construímos nosso autoconceito ao longo de toda a infância, influenciados pelas pessoas e os ambientes que convivemos, como a família, a escola, assim como as experiências que vamos tendo de sucesso e fracasso durante o processo de desenvolvimento.

O processo contínuo e construtivo de socialização do sujeito se dá também, em primeira instância, no máximo de interações sócio-afetivas interdependentes, deste com o outro e com o meio – fator característico da primeira infância – na busca pela satisfação orgânica e psicológica, seguindo progressivamente em direção ao limite da individualidade e, consequentemente, da autonomia. Desse modo, a manifesta correspondência entre os aspectos afetivo e cognitivo, no tocante às respectivas evoluções, compete tornar explícito o papel da afetividade nos períodos do transcurso do desenvolvimento humano. (PIAGET *apud* COSTA; SOUZA, 2012, p. 5).

O início da vida escolar tem uma importância significativa para o desenvolvimento da criança, pois é neste momento que ela estreita vínculos afetivos com pares e com o professor, sendo este uma figura muito valiosa em sua vida. A relação afetiva estabelecida entre crianças e professores é fundamental para que elas possam enfrentar com maior motivação as situações de aprendizagem. A criança que tiver uma percepção positiva dos seus atributos cognitivos e pessoais terá maiores chances de aprender os conteúdos escolares e obter sucesso.

De acordo o dicionário Bueno (2000, p.33) entende-se por afetividade, qualidade do que é afetivo; afeição; carinho. Segundo Freire (1997, p. 170) a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam os medos, sofrimentos, interesses, alegrias.

A afetividade e inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Nesse sentido, tanto Henry Wallon quanto Lev Vygotsky e Jean Piaget consolidam o entendimento sobre os aspectos socioafetivos para a cognição. Deste modo,

Piaget, Vygotsky e Wallon – ao implementarem investigações acerca do desenvolvimento psicológico humano acabam por identificar na afetividade o seu caráter social, amplamente dinâmico e construtor da personalidade humana, além de estabelecer o elo de ligação entre o indivíduo e a busca do saber (por meio das interações sociais), convergindo os três para o postulado de que, embora considerada sob diversas matizes, à afetividade cabe a função de desencadeadora do agir e do pensar humanos, isto é, para a efetivação do desenvolvimento sócio-cognitivo. (COSTA; SOUZA, 2012, p.12).

No pensamento piagetiano, no que se refere ao estudo do desenvolvimento cognitivo, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, onde a afetividade está no âmbito das interações sociais e é definida como todos os movimentos da razão, sendo uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas também não é suficiente. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e consequentemente, perguntas ou problemas nunca seriam formulados e não haveria inteligência.

O desenvolvimento cognitivo, afetivo e social encontram-se tão imbricados um ao outro, a ponto da simples mudança circunstancial em um dos aspectos ocasionar a transformação nos demais, positiva ou negativamente, dependendo dos seus elementos constituidores. Enfim, considerando que “esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irredutíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”. (PIAGET *apud* INHELDER, 1990, p.24).

Já na psicologia de Vygotsky, o funcionamento psicológico está fundamentado nas relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico. O sócio-histórico se representa como processo em que todo o mundo cultural expõe-se ao sujeito como "o outro", onde o indivíduo percebe e interpreta o papel das influências exteriores para o desencadear interno de suas reações emocionais, o que o torna apto a compreendê-las e posteriormente dominá-las.

As emoções, tidas como integrantes de nossas funções mentais superiores, são antes produto da inserção humana num dado contexto sócio-histórico, o pensamento tem sua origem no campo da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Vygotsky evidencia a necessidade das conexões entre as extensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano.

Vygotsky sugere uma aparente anterioridade da ação – ou seja, da experiência direta, onde se encontra o fluxo desenfreado de nossos anseios, necessidades, etc. – ao pensamento generalizante - função psicológica superior que ordena as representações mentais, dadas culturalmente, do mundo real -, que se desfaz ao advertir sobre a existência do processo inverso; ou seja, vê o afetivo como força volitiva para o cognitivo, e este como regulador do primeiro. (COSTA; SOUZA, 2012, p. 8)

Finalmente, na concepção walloniana, a dimensão afetiva vem como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética. Wallon mostra que a afetividade é uma fase do desenvolvimento, e início da vida, o afeto e a inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira. A afetividade é considerada um instrumento de sobrevivência

A afetividade compete a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional; “surprende a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie.” Nesse sentido, a afetividade, que corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste, o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos, estabelecidos pela consciência afetiva. (COSTA; SOUZA, 2012, p.11).

Nessa interpretação, a afetividade esclarece a aceleração ou retardamento, mas não a origem da formação da estrutura. Embora seja uma condição necessária, a afetividade não é suficiente, como já vimos, na formação da estrutura. Considerando primeiro que a afetividade antecede as funções das estruturas cognitivas, podemos compreender que os estágios da afetividade correspondem detalhadamente aos estágios de desenvolvimento das estruturas.

A relação professor-aluno e a afetividade no processo de ensino-aprendizagem

Através dos estudos na área educacional, percebemos a intensificação dos olhares para as relações entre professor-aluno, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações da sala de aula e procedimentos pedagógicos caracterizados como pressupostos básicos para o processo da construção do conhecimento e da aprendizagem.

Ao olharmos para o papel do professor hoje, podemos perceber a necessidade de práticas educativas que contemplem vocação, competência e aptidões para possibilitar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Aos educadores é direcionada uma enorme responsabilidade frente aos seus alunos, tanto como professores, quanto como pessoas que exercem uma grande influência na vida escolar dos mesmos.

Como educadores, muitas vezes estamos preocupados apenas com aquilo que se torna uma prática constante e que por falta de uma reflexão à respeito desses procedimentos, passamos a definir e limitar as nossas metodologias, buscando apenas concluir conteúdos obrigatórios e estabelecer avaliações. Podemos assim pontuar que,

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquiva-los. (FREIRE, 1987, p. 57).

Se formos responsáveis no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, devemos manter o nosso olhar fixo na busca em estarmos preparados para desenvolver habilidades e valores que vão muito além da prática.

A escola é um ambiente facilitador de bons relacionamentos e consequentemente promotora do sucesso de aprendizagem. Uma boa interação no âmbito escolar depende justamente desses dois componentes (professor e aluno), pois eles definirão se o ambiente irá influenciar o processo de ensino-aprendizagem, assim como as vivências pessoais que se constituirão nas bases da identidade pessoal dessa criança que está em formação.

Sabemos que toda criança desde o início de seu desenvolvimento, sofre influência do meio onde está inserida, e em sala de aula existe uma intenção previa de organizar situações que propiciem ao aprimoramento dos processos de pensamentos e da própria capacidade de aprender. Se existe o grande desafio ao docente no que diz respeito ao seu encargo com os elementos imprescindíveis envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, percebemos a necessidade de uma análise a respeito da faceta de ensinar de duas formas “o que se ensinar” e “de que maneira se ensinar”, pois só a partir desse olhar, é que as práticas educativas serão mais coerentes e precisas para o desenvolvimento dos seus alunos.

Ao professor cabe o papel de estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa, se comprometendo em desvincular-se de procedimentos pedagógicos que contemplem apenas o depósito de conhecimento ao mesmo, desconsiderando os aspectos afetivos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1996, p. 90)

É importante salientar que afetividade não é apenas demonstração de afeto, carinho e que se faz necessário compromisso e ética profissional, além dessa reciprocidade, que haja uma prática pedagógica pautada no respeito, na autoridade humana, e no estabelecimento de limites, de modo que o professor contribua com o desenvolvimento e fortalecimento do *eu* do educando, para que ele desenvolva autoestima, confiança, respeito em si e ao outro.

A aprendizagem se dá através de interações mútuas e dinâmicas nas quais alunos e professores estabelecem relações afetivas que solidificam o desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas. Uma prática educativa que engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem, que é voltada para as necessidades dos educandos e propicia as trocas sócio-afetivas, requer do educador uma postura importantíssima diante das realidades encontradas em sala de aula, onde somente a partir da reflexão que ele proporcionará aos seus educandos uma educação mais humanizadora no ambiente escolar. Desta forma, podemos afirmar que:

Caso não seja estabelecida uma relação afetiva entre professor e aluno, é ilusão acreditar que o ato de educar tenha sucesso completo. Ou seja, pode até haver algum tipo de fixação de conteúdo, mas não será uma aprendizagem significativa, nada que prepare esse indivíduo para uma vida futura deixando, lacunas no processo de ensino-aprendizagem. (SOBRAL, 2012, p. 5).

É notório que o afeto faz parte de todo o processo educativo e deve ser visto como parte inseparável da aprendizagem. Estão interligados, não há como separar, não podemos deixar de pensar que o emocional interfere no aprendizado. Podemos ressaltar as marcas que muitas vezes são deixadas nos alunos de forma prejudicial na sua vida escolar e social, marcas essas que são consequências da postura que o professor mantém em sala de aula.

Alunos que têm o seu rendimento escolar baixo pela rigidez com que são tratados, que se sobressaem em algumas matérias e tantas vezes não conseguem assimilar outras, justamente pela falta de um educador que os desperte, que os motive na aprendizagem. Faço das palavras do grande mestre as minhas. Ou seja:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p. 89)

É importante lembrar que o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas, visto que a afetividade norteia o processo de aprendizagem. Muitas vezes, nós, educadores, não conseguimos nos colocar como sujeitos facilitadores de uma aprendizagem afetiva, positiva dos nossos alunos, baseando a educação no controle e desenvolvimento cognitivo, isolando ou não dando tanta importância à questão do desenvolvimento afetivo. Fica-nos clara a necessidade de construirmos um sistema educativo que supere a clássica

contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais ao segundo plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição emocional da criança poderá favorecer ou prejudicar o aprendizado. O educador (a) deve ter como primeiro objetivo conquistar a confiança e o afeto da criança. Só assim, seu discurso será significativo, sua palavra despertará desejo de experimentar. Ele (a) precisa entender que o desenvolvimento cognitivo e afetivo precisam andar juntos, ou seja, a afetividade e a inteligência são aspectos indissociáveis.

Sendo assim, é preciso tecer uma ponte de afeto entre o educador e educando, para que o conhecimento possa transitar de forma harmoniosa, preenchendo lacunas que alimentam o interesse e estabelecendo uma via de mão dupla, em que professor e aluno partilham igualmente do prazer em cada descoberta e experiência que gera mudança em ambos.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Francisco da Silveira. **Mini dicionário língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2000.
- COSTA, Keyla Soares da. SOUZA, Rose Keila Melo de. O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=299:o-aspecto-socio-afetivo-no-processo-ensino-aprendizagem-na-visao-de-piaget-vygotsky-e-wallon&catid=4:educacao&Itemid=15 Acesso em: 19 nov. 2012
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LAPASSADE, Georges. **As microssociologias.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005 (pp. 69-108).
- PIAGET, Jean. & INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança.** 11^a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1990.
- SOBRAL, Maria de Lourdes. A influência da afetividade no ambiente pedagógico. Disponível em: <http://veterinariosnodiva.com.br/books/afetividade-ambiente-pedagogico.pdf> Acesso em: 17 nov. 2012
- VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012 Acesso em: 1 de novembro de 2014.